

Onde vamos parar? Cenas da controvérsia homofobia versus liberdade de expressão no caso Maurício Souza

Where are we going? Scenes from the controversy “homophobia” versus “freedom of speech” in the Maurício Souza case

¿A dónde vamos a parar? Escenas de la controversia homofobia versus libertad de expresión en el caso Maurício Souza



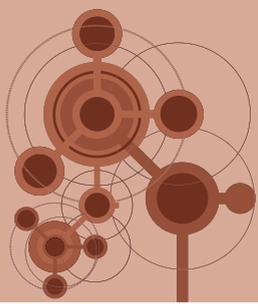
Vanessa Cardozo Brandão

- Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
- Doutora em Estudos da Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF).
- Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas).
- Especialista em Gestão Estratégica de Marketing pela Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal (UFMG).
- Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Acessibilidade e Vulnerabilidades (Afetos-UFMG).
- E-mail: vcbrandao@gmail.com



Juarez Guimarães Dias

- Professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG.
- Doutor em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).
- Mestre em Literatura pela PUC-Minas.
- Co-coordenador do Núcleo de Estudos em Estéticas do Performático e Experiência Comunicacional (Neepec-UFMG).
- E-mail: juarezgdias@gmail.com



Resumo

A partir do episódio envolvendo o atleta Maurício Souza e as organizações Minas Tênis Clube, Fiat e Gerdau, este artigo apresenta e analisa aspectos da controvérsia entre homofobia e liberdade de expressão, amplificada pela circulação em ambientes digitais em 2021. Recorrendo à teoria ator-rede e às teorias queer, observamos como o engajamento de diferentes atores aciona imaginários, evidencia disputas de sentidos, ressalta a vulnerabilidade da população LGBTQIA+ e a urgência de amplificar a criminalização da homofobia.

PALAVRAS-CHAVE: CONTROVÉRSIAS MEDIATIZADAS • LIBERDADE DE EXPRESSÃO • HOMOFOBIA • VULNERABILIDADE • SUJEITOS E ORGANIZAÇÕES.

Abstract

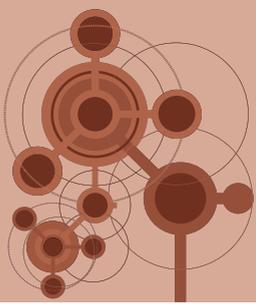
From the episode involving the athlete Maurício Souza and the organizations Minas Tênis Clube, Fiat, and Gerdau, this article presents and analyzes aspects of the controversy between homophobia and freedom of speech, amplified by the circulation in digital environments in 2021. Seeking the actor-network and the queer theories, we observe how the engagement of different actors activates imaginaries, evidences disputes of meaning, highlights the vulnerability of the LGBTQIA+ population and the urgency of amplifying the criminalization of homophobia.

KEYWORDS: CONTROVERSY MEDIATIZED • FREEDOM OF SPEECH • HOMOPHOBIA • VULNERABILITY • SUBJECTS AND ORGANIZATIONS.

Resumen

A partir del episodio que involucró al atleta Maurício Souza y las organizaciones Minas Tênis Clube, Fiat y Gerdau, este artículo presenta y analiza los aspectos de la controversia entre homofobia y libertad de expresión, amplificada por la difusión del caso en entornos digitales en 2021. Con base en la teoría actor-red y las teorías queer, observamos cómo la participación de diferentes actores desencadena los imaginarios, pone de relieve disputas de significados, resalta la vulnerabilidad que sufre la población LGBTQIA+ y la necesidad de ampliar la criminalización de la homofobia.

PALABRAS CLAVE: CONTROVÉRSIAS MEDIATIZADAS • LIBERTAD DE EXPRESIÓN • HOMOFOBIA • VULNERABILIDAD • SUJETOS Y ORGANIZACIONES.



DA ORGANIZAÇÃO “ENSIMESMADA” À ORGANIZAÇÃO FORA DE SI – NOVOS PARADIGMAS NA COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

“Éramos dous e contrários, ela encobrindo com a palavra o que eu publicava pelo silêncio”. (Assis, 1997, p.57)

Com as palavras de Dom Casmurro, o narrador de Machado de Assis, a literatura nos inspira e alerta. No contexto da obra, a angústia do amante diante da amada: ele todo silêncio, ela pura palavra. Mas quem assim o diz? Paradoxalmente, só temos a palavra do narrador que “publicava pelo silêncio”, que tudo diz da história de um amor tão casmurro quanto ele mesmo – pela sua perspectiva, a dúvida sobre a sinceridade da amada fica instaurada. De Capitu, descrita como aquela que encobre pela palavra, não saberemos mais do que nos permite ver a perspectiva de um narrador fechado em seu próprio devaneio de memória.

Se essa história fabulosa da literatura brasileira aqui aparece é porque pode ser, para nós, também fabular. Tudo o que se narra a partir de si mesmo tende a ser insuficiente, ou, pelo menos, fugidio. Na literatura, a dúvida estrategicamente instaurada no texto por um autor de ironia potente é uma virtude. Nos estudos, em contrapartida, é fundamental olhar para o outro lado. No entanto, frequentemente, os estudos de comunicação organizacional tendem a partir de um olhar sobre a organização – entidade coletiva, nomeada unidade – que, embora crítico, é também ensimesmado.

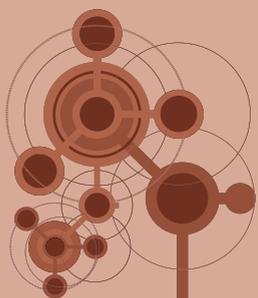
Seria por demais casmurro de nossa pesquisa se ela começasse a partir da perspectiva de uma organização. Por isso, seguiremos o método de inspiração cartográfica da teoria ator-rede (Latour, 2012): narraremos uma controvérsia midiaticizada que envolve sujeitos e organizações, e nos propomos a fazê-lo com a partir da virada afetiva (Clough, 2007; Moriceau, 2020), refletindo sobre o que nos mobilizou perante o acontecimento como sujeitos em trabalho de pesquisa?

Somos parte dessa rede¹, assim como as organizações que aparecerão nesse trabalho – Minas Tênis Clube, Fiat, Gerdau. De um lado, temos uma pesquisadora (mulher cis, heterossexual, mãe) que vive a realidade a partir do olhar “de dentro” de uma das organizações – o de sócia do clube de lazer e esporte de Minas Gerais -; e, de outro lado, um pesquisador (homem cis, homossexual, sem filhos) que se reconhece “de dentro” ao se engajar nas lutas anti-homofobia, em sua trajetória pessoal e acadêmica. Somos pesquisadores afetados pela controvérsia, assim como outros atores em rede.

Destacamos que, para nós, o afeto não é compreendido na dimensão da sensibilidade ou dos sentimentos positivos, mas, inspirados por Moriceau e Mendonça (2016), “de tudo o que afeta um sujeito pesquisador em seu processo e tudo o que o processo afeta enquanto sujeito; refere-se tanto ao corpo quanto ao espírito, colocando em relações as razões e as emoções” (Dias, 2020, p.326). Trata-se, sobretudo, de “novas possibilidades epistemológicas e práticas metodológicas, ao modo de investigação em que o pesquisador é guiado por afetos e motivado pela situação” (Moriceau; Mendonça, 2016, p.82).

No entanto, de nada isso valeria se a controvérsia saísse do ponto de vista da comunicação das organizações para ir a outro polo: o olhar único de certos sujeitos afetados por ela. Para além dos lugares sociais e pessoais ocupados por nós, nos valeremos das vivências singulares apenas como modo de entrada, como estratégia metodológica para situar a controvérsia como campo de abertura, de fissura em sentidos predefinidos. Seguindo uma perspectiva de pesquisa que vem sendo explorada (Brandão, 2017), somos movidos pela sociologia das associações da teoria ator-rede (Latour, 2012) e suas aproximações com a

¹ Partimos do conceito de rede sociotécnica como coletivo híbrido (Latour, 2012). Tal conceito se articula com questões comunicacionais que fundamentam a proposta teórico-metodológica, através da análise das associações entre atores em rede, e se estabelece pela aproximação dos conceitos de mediação e associação com a comunicação organizacional, já elaborado em trabalhos anteriores (Brandão, 2017; 2019).



comunicação organizacional, buscando compreender o que engaja organizações de diversas naturezas (empresariais, associações, grupos ativistas) e sujeitos (vinculados ou não às organizações) em processos de comunicação midiaticizada em ambientes digitais.

Ao nos depararmos com a controvérsia em questão, buscamos compreender a “cena de dissenso” (Rancière; Jdey, 2021), em que “os sujeitos podem experimentar a política enquanto processo de criação de formas dissensuais de expressão e comunicação que inventam modos de ser, ver e dizer, configurando novos sujeitos e novas formas de enunciação coletiva” (Marques, 2021, p.42). Inspira-nos, portanto, a perspectiva metodológica de Rancière, em que a cena é definida, conforme leitura de Ângela Marques (2021, p.38), como “uma operação [narrativa anti-hierárquica] e como a criação de encontros, choques e conexões possíveis entre registros discursivos e materiais diversos”, pois a cena “não é o acontecimento em si, mas o processo de sua construção através de uma montagem feita com elementos assimétricos, mas passíveis de serem aproximados”. Mas de qual controvérsia estamos falando?

CENA DE ORIGEM: A CONTROVÉRSIA E SEUS DESDOBRAMENTOS NO INSTAGRAM

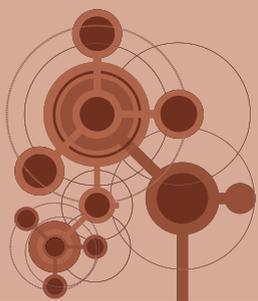
Em 12 de outubro de 2021, o atleta e jogador de vôlei do Minas Tênis Clube Maurício Souza publicou em sua conta do Instagram uma captura de tela de uma reportagem do portal de notícias *G1* (Superman..., 2021) com a imagem do personagem Jon Kent, filho de Clark Kent, beijando o personagem Jay Nakamura. Na legenda, o jogador escreveu “A [sic] é só um desenho, não é nada demais [dois emojis, sendo o segundo uma carinha com um fecho *éclair* trancando a boca] Vai nessa que vai ver onde vamos parar...”² (Figura 1). Podemos perceber que a notícia, publicada um dia antes, foi postada por Maurício Souza em seu perfil na data em que se comemora o dia das crianças, o que parece não ser coincidência, visto que seu texto indica o fato de muitas pessoas considerarem “apenas um desenho” e insinuar o que ele poderia provocar nas crianças leitoras do produto.

Figura 1: Postagem que deu origem à controvérsia no perfil @mauriciosouza17, em 12/10/2021



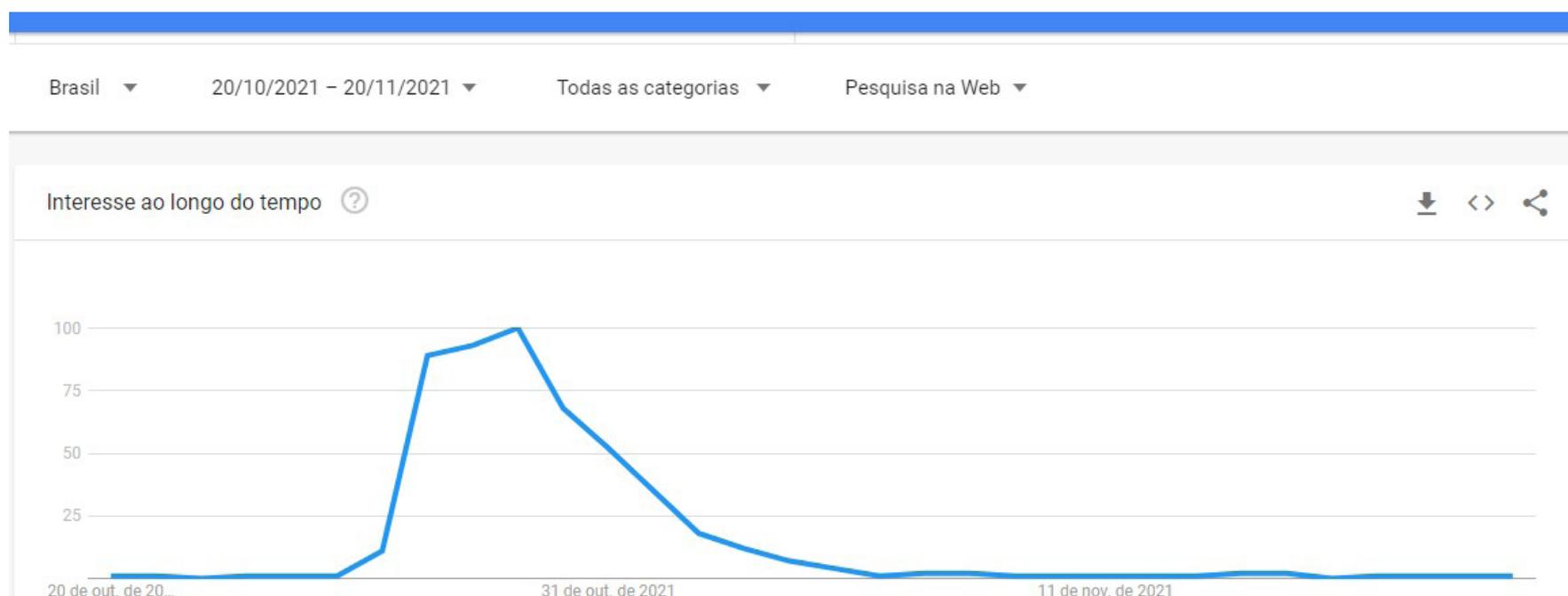
Fonte: Instagram.

² Disponível em: <https://bit.ly/3MBL5Z4>. Acesso em: 25 jan. 2022.



A postagem foi ganhando visibilidade, gerando a conformação de públicos em duas vertentes: os que apoiavam e defendiam o posicionamento do atleta; e os que o acusavam de homofobia. Esse último público, ao longo dos dias, chamou a atenção para a controvérsia, de modo a exigir que o jogador fosse cobrado pelo clube e pelos patrocinadores a se retratar publicamente. Ao longo de mais de 10 dias, a polêmica foi crescendo, como mostra a Figura 2:

Figura 2: Aumento súbito nas buscas pelo nome de Maurício Souza

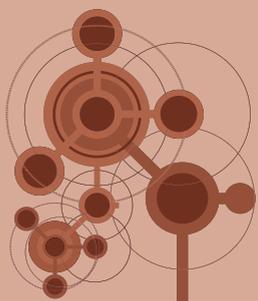


Fonte: Google Trends.

A ferramenta indica a quais assuntos a busca se relaciona, tendo sido localizados 13 em ascensão: jogador (assunto); homofobia; jogador de vôlei (profissão); Super-Homem (super-herói); Fiat (marca de automóveis); atleta (atividade); Felipe Andreoli (jornalista); polêmica; publicação; demissão; Walter Casagrande (ex-futebolista); Douglas Souza e Maurício Souza (jogadores de voleibol). A ferramenta fornece pistas que seguimos, percorrendo rastros de interações das pessoas em comentários no Instagram.

Apesar de originalmente ser baseado na imagem, o Instagram foi sofrendo modificações em usos e funcionalidades da plataforma, principalmente depois da incorporação do conglomerado de tecnologia e mídia Facebook (atual Meta). Desde 2016, com a atualização das políticas de privacidade do grupo, as redes têm código criptografado, não permitindo mais a coleta de dados de perfis (mesmo públicos) de modo automatizado. A coleta manual se tornou uma alternativa, embora tenha limites no caso de grandes controvérsias como a que está sendo analisada. Apenas a postagem de Maurício Souza recebeu, até a data da finalização deste artigo, mais de 55mil comentários. Portanto, cabe esclarecer que os dados trazidos a seguir não devem ser tomados em termos quantitativos para extrapolações e conclusões generalizantes. O que nos interessa, na verdade, é apresentar as disputas, mais do que qualquer possível síntese. Nesse sentido, consideramos que a representação visual dos principais termos e expressões utilizados, coletados manualmente (mais de mil comentários), manifestam certa lógica discursiva dos assuntos que mobilizam afetivamente os públicos, provocando-os a agir. Apresentamos algumas palavras e expressões³ recorrentes na Figura 3:

³ Os termos mais repetidos foram organizados em sintagmas (como liberdade + de + expressão) e agrupamento de palavras a partir da mesma base semântica (como demissão, demitir, demitido) para facilitar a visualização da fala dos públicos em torno da publicação.



Na legenda, lê-se: “Hoje estou pedindo desculpas por minha opinião ter ofendido alguém!”. No mesmo dia, o Minas publicou¹¹ que o atleta não era mais jogador do clube.

Com a nova escalada da controvérsia, seguimos a mobilização de públicos nos espaços em que as organizações envolvidas estavam presentes. Coloca-se como proposição central o ato de observar e mapear as interações em rede entre os atores diversos – organizações e sujeitos que fazem agir e são agidos. Como já mencionado anteriormente, disso resulta

a importância da cartografia como método para compreender o social: se um ator é parte que age, e também é agido em rede, a melhor forma de compreender a interação em rede não poderia focar apenas um ator e seu poder de agência, mas antes poderia ser vista a partir do mapeamento de fluxos de associação de atores em torno de uma determinada dinâmica social. (BRANDÃO, 2017, p.103)

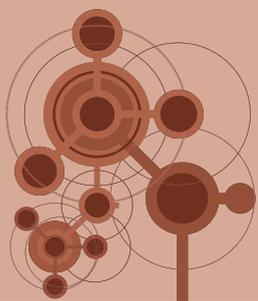
Neste trabalho, para operar um estudo de comunicação organizacional, propositadamente estamos desviando o olhar da sua dimensão estratégica. Partimos da perspectiva dos públicos como acontecimento – pensando, a partir de Marques e Mafra (2015), a dimensão dinâmica e processual da formação de públicos a partir do dissenso e da resistência, e não do controle ou do diálogo como instância resolutiva dos conflitos. Tal processo se manifesta em casos como o da controvérsia aqui relatada, quando as organizações não são as agenciadoras centrais. Elas entram na cena discursiva do debate público midiático a partir da convocação feita pelos públicos, que as julgam atores importantes e solicitam sua presença e posicionamento.

Para além de uma organização, buscamos desvelar as próprias disputas de sentido, nas quais as organizações sequer podem ser vistas como protagonistas – ou tomadas como o centro de uma rede de relações. Isso não significa ignorar as assimetrias que cercam processos de comunicação organizacional – sujeitos e organizações não têm o mesmo poder decisório. O caso também é emblemático por revelar no seu desfecho chamadas a agir; as organizações agem a seu modo, em consonância com valores e interesses próprios. No entanto, essa não é a questão central colocada pela perspectiva da comunicação organizacional. Perguntamos: como o processo de formação de públicos diversos, agrupamentos com interesses e construções de sentido com universos particulares, se relacionam com as organizações a partir da controvérsia e da disputa? A partir de Latour (2012), pensamos que é fundamental compreender o social não como uma dimensão estática ou ontológica, mas em sua dinâmica de processo de agregação e desagregação, com operações de partilha de sentidos e de desvios operados por cada ator, em sua participação na rede em que se conforma.

Compreendemos que essa rede pode desvendar mais do que aspectos da comunicação *da* organização, ou da comunicação *na* organização, mas da comunicação enquanto fenômeno interacional, desempenhado por vários atores, inclusive pelas organizações. Esta visão se articula à perspectiva da comunicação organizacional a partir do paradigma da complexidade (Baldissera, 2008), buscando situar as disputas de sentido em outros espaços, para além de ambientes altamente controlados pelas organizações.

Nesse sentido, também destacamos no caso analisado a agência das plataformas digitais na potencialização da visibilidade de controvérsias, que, por sua vez, as alimentam. Nesses ambientes, o controle, por parte das organizações e de sujeitos, daquilo que circula e se torna visível é cada vez menos dado por forças de mídia paga e mais por apelos de engajamento afetivo da audiência das redes sociais digitais, compreendendo a formação de públicos através de seus posicionamentos políticos, vieses e afinidades pessoais. Daí que, na dimensão comunicacional, a controvérsia pode ser melhor percebida quando vista “de fora” das organizações. É por esse ponto de vista, incluindo nosso percurso afetivo ao longo do desenrolar dos discursos em disputa, que a apresentaremos a seguir.

¹¹ Disponível em: <https://bit.ly/3G6BmHJ>. Acesso em: 26 jan. 2022.



CENA DE ENTRADA: A “DITADURA” NOS CORREDORES DO CLUBE NA PERSPECTIVA AFETIVA “DE DENTRO” DE UMA DAS ORGANIZAÇÕES

“Coitado do Maurício, um pai de família demitido! Tá demais, parece ditadura, gente!” Enquanto caminhava no corredor do Minas Tênis Clube, ouvi a frase em uma roda de conversas entre sócias que se preparavam para a aula de ginástica. E não era a primeira em defesa do atleta que eu ouvia no dia. Do breve caminho até a academia de ginástica, o assunto aparecia em vários grupos de sócios.

Na semana anterior, comentários sobre a polêmica postagem do atleta Maurício Souza fizeram parte de algumas conversas que eu ouvi enquanto circulava pelo clube. Mas naquele dia foi diferente. As marcas patrocinadoras do time de vôlei haviam exigido posicionamento do Minas. A notícia da demissão do atleta provocara reação de alguns associados. O burburinho pontual, que nos dias anteriores se voltava para o posicionamento do atleta nas suas redes, tinha se transformado em conversa agitada entre sócios. O assunto já não era sobre o Super-Homem gay, homofobia ou preconceito – agora se ouvia outras palavras: ditadura, liberdade de expressão, censura, demissão de um chefe de família, a família minastenista, a tradicional família mineira.

Eu, sócia do clube e pesquisadora que estudava controvérsias em redes digitais, assistia a tudo lembrando de outro caso sobre o qual havia escrito há pouco tempo – a controvérsia sobre a chamada “ideologia de gênero” (Brandão, 2019) a partir de um comercial de televisão de marca popular de sabão em pó que fazia uma proposição aos pais: que seus filhos e filhas pudessem escolher suas brincadeiras sem os limites impostos pelas expressões “isso é coisa de menina” ou “isso é brinquedo de menino”. O comercial tinha sido deslocado da sua proposição de sentido original ao ser apropriado por grupos que pretendiam, através do boicote à marca, pautar a proteção à infância, ao direito de ser de meninos e meninas (de modo normativo).

O que eu testemunhava internamente, participando da cultura do tradicional clube mineiro, parecia ser a migração discursiva de uma controvérsia. Dias antes, o caso era sobre a posição preconceituosa de um atleta do vôlei. O clube enfrentava sua primeira crise, sendo cobrado principalmente no ambiente digital a se posicionar sobre a questão: como um atleta do Minas podia vir a público com esse discurso homofóbico, em pleno 2021? Após sua demissão, parecia que o fato encerraria a disputa. Longe disso. Estava instalada outra crise institucional entre o Minas Tênis Clube e seus associados. Uma que parecia ter agitado os corredores do clube, além das redes sociais.

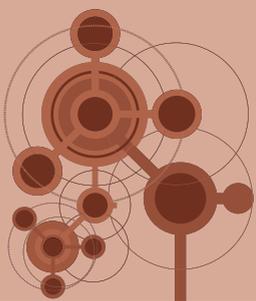
CENAS DE DISSENSO: MANIFESTAÇÕES CONTRA E A FAVOR DA POSIÇÃO DAS EMPRESAS PATROCINADORAS E DA DECISÃO DO MINAS TÊNIS CLUBE

O que se ouvia nos espaços internos do clube resvalava com força no ambiente digital. Um comentário retirado de uma das postagens do Minas sintetiza algumas das questões que emergiram internamente no clube, na relação com os sócios, diante do episódio que culminou na demissão do atleta:

O momento em que um ser humano não tem a liberdade de expor sua opinião, isso se chama Ditadura! E sabemos bem como isso foi no decorrer da história... Além disso, valores estão sendo invertidos nisso... Mas no final das contas o time está certo, sabe por que?! Por que terão mídia, visibilidade e tudo mais... Isso nada mais é do que um jogada comercial...¹².

Em outra postagem do clube, que comunica a decisão de demitir o jogador, vê-se manifestação contrária àquela acima transcrita:

¹² Disponível em: <https://bit.ly/3lx6bM6>. Acesso em: 26 jan. 2022.



Grande dia pra quem tem que lidar com preconceito o tempo todo. Grande dia em ver sendo feito valer a constituição que pune o crime de homofobia pq expor opinião homofóbica NÃO é se expressar livremente, mas sim alimentar e incitar ações criminosas e mantém o País entre os que mais Mata lgbt no mundo. Então, a demissão com TODOS os direitos ainda não foi o que ele merecia mas já foi algo e assim seguimos torcendo pra que a justiça seja feita cada vez mais proporcionalmente aos crimes cometidos. E não, eu não responderei negacionistas, racistas e preconceituosos que perderão tempo me marcando ou indo no meu PV [privado], vcs que lutem com suas consciências (se ainda as tiverem)¹³.

A questão central da controvérsia parece acontecer entre o que, de um lado, se coloca nos termos da liberdade de expressão para expor uma opinião pessoal e, de outro, os limites dessa liberdade na ofensa criminosa a um grupo discriminado e altamente vulnerável – a população LGBTQIA+. Uma cadeia de discursos e sentidos parece se desenrolar, colocando em disputa diversos atores – atletas (funcionários), as organizações envolvidas (clube e marcas patrocinadoras), público interno (torcida organizada do time de vôlei e sócios do clube) e público externo. Dessa forma, seguimos acompanhando os rastros da controvérsia no espaço institucional do perfil oficial do Minas Tênis Clube (@minastenisclube). A repetição de palavras e expressões revela alguns contornos mais específicos da polêmica (Figura 4):

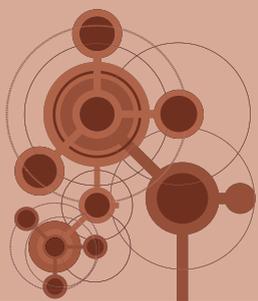
Figura 4: Nuvem de palavras e expressões a partir da coleta em comentários feitos na publicação do primeiro posicionamento do Minas Tênis Clube, em perfil do Instagram



Fonte: Elaborada pelos autores.

O tensionamento que buscamos evidenciar revela o campo ampliado de disputas de sentidos e seus desvios, indo para além da controvérsia original sobre o posicionamento do atleta no ambiente digital e ganhando novos contornos: a censura à liberdade de expressão. Variações e desvios na controvérsia original são evidenciados ainda mais nos comentários à publicação da Fiat (Figura 5):

¹³ Disponível em: <https://bit.ly/3G21zXX>. Acesso em: 26 jan. 2022.



das normas de gênero e sexualidade (Dias, 2020), percebo a relevância do questionamento aos construtos sociais e culturais de gênero (Butler, 2015a) e da heterossexualidade compulsória (Rich, 2012). Diante da cisheteronormatividade que nos oprime e nos vulnerabiliza (Butler, 2015b), é urgente dar visibilidade a essas pautas para combater as violências sobre nossos corpos, pois o Brasil segue como o país que mais violenta e mata pessoas LGBTQIA+, sobretudo pessoas trans e travestis, conforme relatório *Trans murder Monitoring Project*, da Transgender Europe¹⁵.

Em 2019, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu, apesar da inexistência de legislação sobre o tema na Constituição Federal, pela criminalização da homofobia e da transfobia, que devem ser enquadradas no crime de racismo, por meio da Lei nº7716, de 5 de janeiro de 1989 (BRASIL, 1989). A Suprema Corte entendeu que “praticar, induzir ou incitar a discriminação e o preconceito”, em detrimento da orientação sexual da pessoa, poderá ser criminalizado com pena de um a três anos, além de multa. Ainda, se houver divulgação ampla de ato homofóbico em meios de comunicação, como publicação em rede social, a pena será de dois a cinco anos, além de multa¹⁶.

Com Borrillo (2015), compreendemos que “homofobia” tem sido usado como guarda-chuva para todos os atos discriminatórios contra pessoas dissidentes das normas de gênero e sexualidade. Ao olharmos para essa controvérsia, por exemplo, aciona-se a categoria homossexual para se referir ao filho do Super-Homem, quando, na perspectiva da HQ, ele é bissexual, o que configuraria uma violência bifóbica. De qualquer modo, optamos por utilizar o termo homofobia, por ser senso comum, como se pode ver nos discursos e postagens em torno da controvérsia.

Observando-se as palavras expressas na Figura 3, nota-se como o discurso conservador se apoia num determinismo religioso cristão ao endossar a postagem do jogador de vôlei, com destaque para os sintagmas “parabéns” e “deus”, envoltos por “apoio”, “respeito”, “família”, “crianças”, “posicionamento”, “valores”. As crianças e a infância têm sido utilizadas como bode expiatório para a defesa de uma certa moralidade, cuja base se constitui pela ideologia de gênero e pela família tradicional cisheteronormativa.

O filósofo Paul B. Preciado (2020, p.26) reflete que a criação dos termos “homossexual” e “heterossexual” no século XIX transformou-se “em autênticas técnicas biopolíticas de gestão da sexualidade e da reprodução no século XX”, as quais passaram a reforçar e a preservar a dominação patriarcal e machista sobre os corpos na defesa da reprodução da vida e em defesa da família. O binômio homossexual/heterossexual sustenta a cisgeneridade e a diferença sexual, excluindo a possibilidade de outros corpos se inscreverem na sociedade, como os corpos trans e intersexo, descritos como patológicos e marginais, e não como inadequados ao sistema sexo-gênero-sexualidade. Preciado (2020, p.28) ressalta que, por outro lado, as sexualidades “não existem fora de uma epistemologia colonial e capitalista, que privilegia as práticas sexuais reprodutivas como uma estratégia de gestão da população, de reprodução da força de trabalho, mas também da reprodução da população consumidora”. Não à toa, o reforço da norma no caso Maurício Souza potencializou sua visibilidade, saltando dos 250mil seguidores que tinha quando fez a postagem para os 2,6milhões atuais¹⁷.

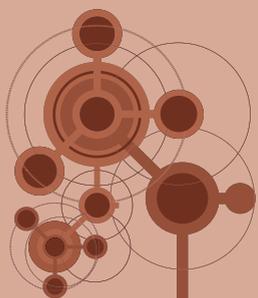
CONSIDERAÇÕES FINAIS

A controvérsia envolveu temas como homossexualidade e criminalização da homofobia por parte de públicos que cobraram a responsabilização e punição do atleta pelas organizações; depois, ampliando-se para a cena discursiva daqueles que se

15 Disponível em: <https://tgeu.org/tmm/>. Acesso em: 18 fev. 2022.

16 Os detalhes do processo, do julgamento e da decisão do STF estão disponíveis em: <https://bit.ly/39FIhvs>. Acesso em: 27 jan. 2022.

17 Conferido em 18 de fevereiro de 2022.



engajaram na defesa de Maurício Souza como voz que fala em nome de uma “ética conservadora”, na qual termos como “incentivo à homossexualidade das crianças” aparecem associados a temas como a proteção da infância e a defesa da família tradicional. Convocadas a agir, as organizações envolvidas mostram assumir posição ao lado vulnerável, endossando a causa de luta contra homofobia, – ao adotar uma postura de cobrança e responsabilização do atleta diante de sua fala homofóbica e da reiteração dela como opinião.

Ainda assim, a postura das organizações não encerra a controvérsia, pelo contrário: parece alimentá-la, exacerbando o tensionamento entre polos aglutinadores de públicos: por um lado, os que defendem a liberdade de expressão e opinião de um indivíduo; por outro, o cerceamento a tal liberdade, que não pode ser tomada de modo irrestrito, mas nos limites da lei que assegura os direitos de uma população vulnerável. Esses elementos nos levam ao argumento central deste artigo: na comunicação contemporânea, as organizações podem ser melhor compreendidas se consideradas como parte de uma rede de atores que se associam a partir das disputas de sentido e dissensos que os envolvem, sendo a mobilização política na defesa de direitos de públicos historicamente vulneráveis um dos elementos que afetam tanto organizações como sujeitos, chamados a agir em seus espaços sociais e discursivos.

Com a rede formada, somos levados a refletir como a liberdade de expressão, convocada na controvérsia como ideal libertário, deixa de ser valor democrático quando alimenta o ciclo da homofobia nutrido em larga medida por discursos de ódio dirigidos à população LGBTQIA+, os quais têm efeitos diretos sobre práticas violentas que vitimizam tantas pessoas no Brasil.

A um só tempo, narrar a controvérsia significou assumirmos o lugar de onde se narra – o ponto de vista – para revelar a multiplicidade da rede e cadeia de sentidos trazidos, apresentando os fatos discursivos enquanto sucessão de acontecimentos mediados que revelam disputas estabelecidas em torno da controvérsia, a qual não se encerra com fim do dissenso. Pelo contrário, entendendo a comunicação enquanto campo de interações, ela se torna acontecimento em devir, aberto a cada novo evento possível que acione sentidos em diálogo com aqueles evocados na controvérsia. Assim, ao propormos uma perspectiva teórico-metodológica que concilia os estudos de comunicação organizacional com a perspectiva afetiva, centramos nas experiências que mobilizam e engajam sujeitos com seus interesses, atuando *com* as organizações no dissenso, e não apenas *a partir* delas.

REFERÊNCIAS

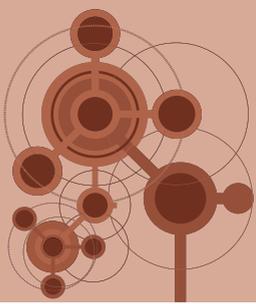
ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Globo, 1997.

BALDISSERA, Rudimar. Comunicação organizacional: uma reflexão possível a partir do paradigma da complexidade. *In*: OLIVEIRA, Ivone de Lourdes; SOARES, Ana T. Nogueira (org.). *Interfaces e tendências da comunicação no contexto das organizações*. São Caetano do Sul: Difusão, 2008. p.149-177.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia – história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BRANDÃO, Vanessa Cardozo. Atravessamentos discursivos entre ONGs, empresas, grupos sociais e ativistas, na perspectiva da teoria ator-rede. *Organicom*, São Paulo, v.14, n.26, p.99-109, 2017.

BRANDÃO, Vanessa Cardozo. Cartografia das controvérsias midiáticas sobre “ideologia de gênero” na publicidade de Omo. *In*: POLIVANOV, Beatriz; ARAÚJO, William; OLIVEIRA, Caio C. G.; SILVA, Tarcízio (org.). *Fluxo em redes sociotécnicas: das micronarrativas ao big data*. São Paulo: Intercom, 2019. v.1. p.53-76.



- BRASIL. *Lei nº7716, de 5 de janeiro de 1989*. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Brasília, DF: Presidência da República, 1989. Disponível em: <https://bit.ly/3sQ3DNo>. Acesso em: 20 maio 2022.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015a.
- BUTLER, Judith. *Quadros de guerra*. Quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015b.
- CLOUGH, Patricia Ticineto. *The affective turn: theorizing the Social*. Durham: Duke University Press, 2007.
- CRISCUOLO, Isaque. Marcas e diversidade: como ir além? *Meio e Mensagem*, 17 jun. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/383c1Sk>. Acesso em: 20 maio 2022.
- DIAS, Juarez Guimarães. Da criança que um dia fui para as crianças que ainda somos: um manifesto pela liberdade de ser. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, Cuiabá, v.3, n.9, p.320-340, 2020.
- LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: EDUFBA, 2012.
- MAFRA, Renan; MARQUES, Ângela. Diálogo e organizações: cenas de dissenso e públicos como acontecimento. In: MARQUES, Ângela; OLIVEIRA, Ivone de Lourdes (org.). *Comunicação organizacional: dimensões epistemológicas e discursivas*. Belo Horizonte: Fafich-UFMG, 2015. p.185-193.
- MARQUES, Ângela. Apresentação da versão em português. In: RANCIÈRE, Jacques; JDEY, Adnen. *O método da cena*. Belo Horizonte: Quixote+Do, 2021. p.37-75.
- MORICEAU, Jean-Luc. *Afetos na pesquisa acadêmica*. Belo Horizonte: PPGCOM-UFMG, 2020.
- MORICEAU, Jean-Luc; MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. Afetos e experiência estética: uma abordagem possível. In: MENDONÇA, Carlos Magno Camargos; DUARTE, Eduardo; CARDOSO FILHO, Jorge (org.). *Comunicação e sensibilidade: pistas metodológicas*. Belo Horizonte: PPGCOM-UFMG, 2016. p.79-98.
- PRECIADO, Paul B. *Um apartamento em Urano: – crônicas da travessia*. Rio de Janeiro, Zahar, 2020.
- RANCIÈRE, Jacques; JDEY, Adnen. *O método da cena*. Belo Horizonte: Quixote+Do, 2021.
- RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas – Estudos gays*, v.4, n.5, p.18-44, 2012.
- SUPERMAN atual, herói filho de Clark Kent, assume ser bissexual. *G1*, Rio de Janeiro, 11 out. 2021. Disponível em: <http://glo.bo/3lvQrcs>. Acesso em: 20 maio 2022.